



ISSN 2359-5051

Revista Diálogos Interdisciplinares GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar
de Professores

PROTAGONISMO, ANCESTRALIDADE E TERRITÓRIO: O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA SOB A ÓTICA DAS MULHERES QUILOMBOLAS DE FURNAS DO DIONÍSIO

PROTAGONISM IN COMMUNITY-BASED TOURISM PROTAGONISM, ANCESTRY, AND TERRITORY: COMMUNITY-BASED TOURISM FROM THE PERSPECTIVE OF QUILOMBOLA WOMEN OF FURNAS DO DIONÍSIO

Thays Karla da Silva¹

RESUMO

Este artigo analisa a dinâmica das mulheres na comunidade quilombola Furnas do Dionísio, em Jaraguari (MS), investigando como suas práticas de preservação cultural estruturam o Turismo de Base Comunitária (TBC). O turismo na região se desenvolve como um reflexo direto do trabalho feminino na manutenção do território e dos saberes tradicionais, ultrapassando a dimensão do mero comércio. A pesquisa parte do seguinte questionamento: de que forma a atuação das mulheres e a transmissão da memória local confrontam apagamentos históricos e geram autonomia? O objetivo é examinar a relação entre a identidade quilombola, a gestão do espaço e a liderança feminina na condução das atividades receptivas. Para isso, o estudo adota uma abordagem qualitativa de caráter estritamente bibliográfico, pautada pelas discussões do feminismo negro e dos Estudos Culturais. Constata-se que a sustentabilidade do turismo comunitário local depende centralmente da produção artesanal de derivados da cana-de-açúcar, das festividades religiosas e do acolhimento geridos pelas moradoras. Essas ações transformam a rotina do quilombo em um ato de resistência e valorização patrimonial. Conclui-se que o protagonismo dessas mulheres ressignifica a atividade turística, transformando-a em um canal político de afirmação identitária e fortalecimento socioeconômico da comunidade.

Palavras-chave: Feminismo Negro. Furnas do Dionísio. Mulheres Quilombolas. Turismo de Base Comunitária.

ABSTRACT

This article analyzes the dynamics of women in the Furnas do Dionísio quilombola community, in Jaraguari (MS), investigating how their cultural preservation practices structure Community-Based Tourism (CBT). Tourism in the region develops as a direct reflection of female labor in maintaining the territory and traditional knowledge, moving beyond the dimension of mere commerce. The research addresses the following question: how do female actions and the transmission of local memory challenge historical erasure and generate autonomy? The



objective is to examine the relationship between quilombola identity, spatial management, and female leadership in conducting hosting activities. To this end, the study adopts a qualitative approach of a strictly bibliographical nature, guided by discussions on Black Feminism and Cultural Studies. It is observed that the sustainability of local community tourism depends centrally on the artisanal production of sugarcane derivatives, religious festivities, and hospitality managed by the female residents. These actions transform the daily routine of the quilombo into an act of resistance and heritage preservation. It is concluded that the protagonism of these women redefines tourism, turning it into a political channel for identity affirmation and socioeconomic strengthening of the community.

Keywords: Black Feminism. Community-Based Tourism. Furnas do Dionísio. Quilombola Women.

1. INTRODUÇÃO

Os quilombos no Brasil são muito mais do que locais de moradia; são territórios vivos de resistência histórica, cultural e social. Neles, os modos de vida, os conhecimentos e as tradições são mantidos e passados adiante por gerações, criando um forte sentimento de identidade, pertencimento e memória coletiva. Um exemplo claro dessa continuidade é a comunidade Furnas do Dionísio, em Jaraguari, Mato Grosso do Sul, marcada por uma trajetória longa de luta e pelo cuidado em valorizar seu patrimônio cultural.

Dentro do quilombo, as mulheres exercem um papel fundamental para manter a engrenagem comunitária funcionando. Elas guardam as histórias dos antepassados, transmitem as tradições, organizam as festas e moldam a forma como a comunidade acolhe quem vem de fora. No entanto, mesmo com toda essa importância na preservação da cultura e da memória, a vivência dessas mulheres ainda ganha pouco espaço nos estudos acadêmicos, principalmente quando o assunto cruza cultura, memória e turismo.

Para dar visibilidade a essa realidade, o debate sobre o papel da mulher em territórios tradicionais precisa ir além dos moldes tradicionais. É aí que entram o feminismo negro e os Estudos Culturais, vertentes que rejeitam a ideia de que a experiência feminina é igual em todo lugar e exigem que se olhe para as realidades históricas, culturais e raciais de cada grupo. Pensadoras como Lélia Gonzalez, Angela Davis e Gayatri Spivak ajudam a entender como gênero, raça e poder atravessam a vida das mulheres negras, abrindo caminhos para enxergar suas trajetórias como ferramentas reais de resistência. Em paralelo, os Estudos Culturais, na linha de Stuart Hall, mostram que a identidade não é fixa, mas sim um processo dinâmico construído pelas narrativas e vivências do dia a dia, o que coloca as mulheres quilombolas como produtoras legítimas de conhecimento.



A partir disso, este artigo analisa o protagonismo das mulheres de Furnas do Dionísio, buscando compreender como suas histórias, práticas e saberes dão sustentação à memória coletiva e às atividades do Turismo de Base Comunitária. Entendemos que o turismo, quando gerido e conduzido pelos próprios moradores, deixa de ser uma simples atividade comercial e se transforma em um espaço de valorização da cultura e de fortalecimento da identidade, permitindo que a comunidade compartilhe sua história sem perder sua essência.

O artigo foi feito por meio de uma abordagem qualitativa, apoiada em uma revisão bibliográfica sobre feminismo, decolonidade, identidade e turismo comunitário. O objetivo final é ampliar a discussão sobre gênero e memória em áreas quilombolas, mostrando que as mulheres são agentes centrais na preservação do patrimônio e na continuidade histórica de suas comunidades.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, desenvolvido por meio de revisão bibliográfica. A abordagem qualitativa foi adotada por possibilitar a compreensão das relações entre identidade cultural, protagonismo feminino, ancestralidade e Turismo de Base Comunitária, considerando os significados e as práticas sociais construídas no contexto das comunidades quilombolas.

A fundamentação teórica foi construída a partir do mapeamento e da análise crítica de livros, capítulos e artigos científicos focados em Estudos Culturais, relações raciais, representação e turismo comunitário. Apoia-se nas reflexões de Angela Davis (2016) sobre as intersecções de raça, gênero e resistência; nas formulações de Stuart Hall (2016) a respeito de cultura, identidade e sistemas de representação; e nas contribuições de Lélia Gonzalez (2020) sobre a experiência histórica e o pensamento das mulheres negras no Brasil. Para o campo do turismo, a análise recorre a Mário Beni (2019) no entendimento da atividade sob uma perspectiva sistêmica, e a Marta Irving (2009) para conceituar a governança e o papel social do Turismo de Base Comunitária.

A análise do material teórico, da literatura ocorreu por meio do cruzamento interpretativo entre essas teorias de gênero, raça e cultura e a literatura acadêmica disponível sobre a Comunidade Quilombola Furnas do Dionísio. O esforço analítico centrou-se em compreender como a memória, a ancestralidade e a participação comunitária se materializam no cotidiano do quilombo, identificando como a liderança das mulheres na manutenção dos saberes tradicionais, a exemplo das festividades e da produção da rapadura, serve de alicerce prático e político para a estruturação do turismo em seu território.



3. MULHERES, RAÇA E RESISTÊNCIA

Entender o que vivem as mulheres quilombolas exige cruzar gênero, raça e classe social. Por muito tempo, as teorias feministas trataram a condição feminina como se fosse uma coisa só, usando a realidade das mulheres brancas como o único padrão. Esse ponto de vista acabou contestado por intelectuais negras, que provaram que a combinação de racismo, machismo e falta de recursos cria barreiras e violências muito específicas para a mulher negra (Davis, 2016).

Angela Davis (2016) mostra bem essa diferença ao resgatar a história. Enquanto o feminismo tradicional debatia o direito ao trabalho ou o confinamento ao lar, as mulheres negras escravizadas já enfrentavam jornadas exaustivas na lavoura e no trabalho doméstico, sofrendo abusos físicos e sexuais. Elas estavam no centro de uma opressão que atacava por todos os lados. Mesmo assim, o que definiu a trajetória dessas mulheres não foi o silenciamento, mas a capacidade de criar redes de apoio, manter vivas as tradições e liderar a resistência que garantiu a sobrevivência das comunidades e dos quilombos.

Para entender o que as mulheres negras enfrentam hoje, é preciso olhar para trás e encarar como o racismo e o machismo foram construídos na nossa história. Angela Davis mostra que a raiz da exploração da mulher negra vem do período da escravização e continua ecoando na sociedade. Segundo a autora:

Na opinião de um historiador, as mulheres escravas eram primeiro trabalhadoras a tempo inteiro para o seu dono e depois apenas incidentalmente uma esposa, uma mãe, uma dona de casa. Tendo em conta que no século XIX a ideologia da feminilidade enfatizava os papéis de mães cuidadoras, companheiras dóceis e donas de casa para os seus maridos, as mulheres negras eram praticamente uma anomalia. (Davis, 2016, p. 10).

O que Davis deixa claro é que racismo, machismo e opressão econômica sempre andaram juntos. Isso marca uma diferença enorme em relação à realidade das mulheres brancas da época: enquanto as brancas sofriam pelo isolamento dentro de casa e pela exclusão da vida pública, as mulheres negras eram jogadas no trabalho forçado e na violência da escravidão.

Mas o ponto central que a autora traz é que, mesmo debaixo de tanta violência, essas mulheres não foram vítimas passivas. Elas criaram redes de afeto, táticas de sobrevivência e se tornaram o pilar que segurou as famílias, a cultura e a comunidade. É exatamente essa mesma força histórica que ajuda a explicar como as mulheres quilombolas de hoje lideram a preservação das tradições e da memória em seus territórios.

Olhando para a realidade da América Latina, Lélia Gonzalez dá um passo além nessa



conversa. Ela mostra que a vida das mulheres negras é atravessada por heranças coloniais que continuam gerando exclusão e desigualdade até hoje (Gonzalez, 2020).

Para explicar isso, Gonzalez (2020) criou o conceito de amefricanidade, uma ideia que joga luz sobre o papel fundamental que os povos africanos e seus descendentes tiveram na construção da nossa cultura e da nossa sociedade. A autora defende que é impossível entender a mulher negra sem encarar de frente o peso que o racismo e o machismo têm na hora de definir os lugares sociais que elas ocupam.

Toda essa bagagem do feminismo negro serve para lembrar que não existe um "ser mulher" único e homogêneo. As desigualdades afetam cada grupo de um jeito, dependendo de como raça, gênero e classe se cruzam. Por isso, quando pensamos nas mulheres quilombolas, precisamos reconhecer que os desafios delas são muito específicos, mas que a capacidade de organização, de luta e de criação de conhecimento também é única.

É exatamente esse o cenário que encontramos em Furnas do Dionísio. As mulheres dali são as verdadeiras guardiãs da memória, da identidade e dos saberes do quilombo. As tarefas cotidianas de cuidar da terra, acolher as pessoas e transmitir a cultura deixam de ser apenas rotina e se transformam em uma resposta firme contra o apagamento histórico que as populações negras sempre enfrentaram.

4. QUEM FALA PELA COMUNIDADE? NARRATIVAS, REPRESENTAÇÃO E LUGAR DE FALA

As discussões sobre representação e identidade cultural são pilares dos Estudos Culturais, ganhando contornos específicos na obra de Stuart Hall. O autor propõe que a cultura funciona como uma teia de produção e compartilhamento de significados. Longe de serem naturais ou imutáveis, esses sentidos são construídos socialmente no cotidiano, moldados pela linguagem, pelas práticas culturais e pelas interações humanas (Hall, 2016).

Sob esse prisma, a identidade deixa de ser vista como um dado fixo, biológico ou essencialista, para ser entendida como um processo em constante transformação. As pessoas constroem noções sobre quem são e a quais grupos pertencem a partir de narrativas, memórias e representações coletivas. A cultura, portanto, opera como um terreno vivo onde o significado ganha força para guiar comportamentos, moldar práticas sociais e definir o sentimento de pertencimento (Hall, 2016).

Ao amarrar cultura e representação, Hall (2016) mostra que a linguagem e os sistemas simbólicos são as ferramentas que dão forma a esses significados. Sobre esse processo de



construção de sentido, o autor pondera:

Em parte, nós damos significados a objetos, pessoas e eventos por meio de paradigmas de interpretação que levamos a eles. Em parte, damos sentido às coisas pelo modo como as utilizamos ou as integramos em nossas práticas cotidianas. [...] Em outra parte ainda, nós concedemos sentido às coisas pela maneira como as representamos – as palavras que usamos para nos referir a elas, as histórias que narramos a seu respeito, as imagens que delas criamos, as emoções que associamos a elas, as maneiras como as classificamos e conceituamos, enfim, os valores que nelas embutimos. (Hall, 2016, p. 21).

Essa dinâmica se materializa com nitidez na realidade das comunidades quilombolas, territórios onde a oralidade e a transmissão intergeracional são as principais vias de preservação do conhecimento. Histórias de família, ritos religiosos, a culinária tradicional e os mutirões comunitários deixam de ser meros costumes e passam a ser os alicerces da identidade coletiva e da valorização da ancestralidade.

As contribuições de Gayatri Spivak (2010) aprofundam essa discussão ao questionar quem realmente tem condições de falar e ser ouvido nas instâncias de poder e produção de saber. A autora adverte contra a romantização de que os grupos subalternizados possuem canais fáceis de expressão, usando o debate entre Michel Foucault e Gilles Deleuze para criticar posturas intelectuais que simplificam essa dinâmica:

[...] estabelecer condições nas quais os prisioneiros seriam capazes de falar por si mesmos. [...] as massas sabem perfeitamente bem, claramente – mais uma vez, aparece aqui a temática de não ser enganado – eles sabem muito mais do que [o intelectual] e certamente o dizem muito bem. (Foucault; Deleuze, 1982 apud Spivak, 2010, p. 29).

Essa provocação teórica joga luz sobre a urgência de validar as narrativas construídas pelas próprias mulheres quilombolas. Em vez de serem tratadas apenas como fontes de informação ou objetos de pesquisa sobre Furnas do Dionísio, essas mulheres devem ser vistas como intérpretes da própria história e protagonistas dos sentidos atribuídos às suas vivências coletivas, sem intermediários externos que filtrem as suas realidades.

Quando elas colocam em circulação as memórias de família, os saberes do cotidiano e as tradições locais, criam contranarrativas que implodem os estereótipos historicamente colados às populações negras e quilombolas. Suas vozes abrem fissuras para visões muito mais complexas e plurais sobre o território, revelando nuances identitárias que um olhar de fora jamais conseguiria captar ou traduzir sozinho.

Portanto, trazer o debate sobre representação e lugar de fala para o contexto de Furnas do Dionísio é validar a autonomia intelectual e cultural dessas mulheres. Ao demarcarem os seus espaços de fala e compartilharem as suas trajetórias, elas deixam de ser personagens coadjuvantes e passam a assinar a autoria da memória e do futuro de sua comunidade.



5. MULHERES QUILOMBOLAS COMO PRODUTORAS DE CONHECIMENTO E MEDIADORAS CULTURAIS

O debate sobre gênero, raça e cultura precisa ir muito além da denúncia das violências e desigualdades que atingem as mulheres negras. É urgente reconhecê-las, sobretudo, como intelectuais de suas próprias realidades: autoras de conhecimento, guardiãs de saberes ancestrais e criadoras de formas originais de ler o mundo. Nesse cenário, as mulheres quilombolas assumem uma posição estratégica, garantindo que a memória e as vivências coletivas resistam ao tempo e atravessem as gerações.

Lélia Gonzalez (2020) já alertava para o protagonismo histórico das mulheres negras na sobrevivência das matrizes socioculturais afro-brasileiras, chamando a atenção para os mecanismos de exclusão que historicamente tentaram calar essas populações:

[...] Na medida em que o racismo, enquanto discurso, se situa entre os discursos de exclusão, o grupo por ele excluído é tratado como objeto e não como sujeito. Consequentemente, é infantilizado, não tem direito a voz própria, é falado por ele. E ele diz o que quer, caracteriza o excluído de acordo com seus interesses e seus valores. No momento em que o excluído assume a própria fala e se põe como sujeito, a reação de quem ouve só pode se dar nos níveis acima caracterizados. (Gonzales, 2020, p. 36).

Muitos desses saberes germinaram e floresceram à margem das instituições formais, fincando raízes na oralidade, nos laços familiares e no chão do cotidiano. Ao cancelar essas epistemologias, Gonzalez confronta a hierarquia que insiste em conferir legitimidade apenas à ciência produzida nos bancos acadêmicos.

Isso nos leva a encarar o repertório das comunidades quilombolas como um arcabouço complexo e legítimo de conhecimento. As narrativas passadas de boca em boca, a feitura dos pratos tradicionais, as rezas, a lida com a terra e a organização coletiva deixam de ser meros "costumes" e revelam-se como o próprio tecido que amarra a identidade e sustenta a vida comunitária.

Stuart Hall (2016) ao definir a cultura como uma arena viva de produção e circulação de sentidos. O autor mostra que os sujeitos não são meros repetidores do passado; eles interpretam, ressignificam e torcem suas práticas de acordo com as urgências do presente. Logo, o saber tradicional passa longe de ser uma peça de museu ou algo estático: ele é dinâmico, sendo constantemente atualizado pelas pessoas que o vivenciam.

No cotidiano da Comunidade Quilombola Furnas do Dionísio, essa engrenagem vital tem rosto e voz femininos. São as mulheres que tomam a frente na preservação da memória



local, na liderança das festividades e no repasse das práticas de geração em geração. Contudo, a atuação delas vai além da manutenção do legado, pois elas operam como mediadoras culturais.

Quando recebem turistas, dialogam com pesquisadores ou abrem a comunidade para o público externo, assumem as rédeas da própria representação. Em vez de deixarem que agentes de fora ditem quem elas são ou como vivem, essas mulheres entregam ao mundo a versão da história forjada por quem efetivamente pisa naquele território.

A força das mulheres quilombolas está na forma como guardam, repassam e dão novos sentidos aos saberes criados coletivamente através das gerações. A culinária tradicional, os rituais religiosos, o artesanato e o modo de acolher as pessoas não são apenas rotinas: são ferramentas que sustentam a identidade da comunidade. Esses saberes funcionam como uma forma de resistência e continuidade histórica, trazendo as memórias e experiências dos antepassados para o dia a dia do presente.

Enxergar as mulheres quilombolas sob essa ótica, como produtoras de conhecimento e mediadoras de sua cultura, muda a lógica narrativa sobre Furnas do Dionísio. A atuação delas transcende a simples preservação do passado; elas estão ativamente traduzindo o presente e desenhando os horizontes da comunidade, provando que a força e a resistência do quilombo residem, sobretudo, na voz e no saber de suas mulheres.

6. A COMUNIDADE QUILOMBOLA FURNAS DO DIONÍSIO: MEMÓRIA, TERRITÓRIO E PATRIMÔNIO CULTURAL

A continuidade histórica de Furnas do Dionísio depende diretamente da preservação de sua memória e de seus saberes cotidianos. Ao longo das gerações, o quilombo desenhou dinâmicas próprias de organização social, trabalho e transmissão cultural. Longe de serem apenas repetições do passado, essas práticas agem no presente, estreitando os laços coletivos e fortalecendo a identidade quilombola diante das transformações da sociedade atual.

A história de Furnas do Dionísio está diretamente relacionada à trajetória de Dionísio Antônio Vieira, ex-escravizado que se estabeleceu na região no final do século XIX (BAL, 2021; Perogil, 2012).

A partir de sua permanência no território, formou-se uma comunidade constituída por seus descendentes (Baldo, 2021), que ao longo das gerações desenvolveram formas próprias de organização social, trabalho e convivência. A ocupação contínua da área permitiu a construção de vínculos profundos com a terra, fazendo com que o território assumisse não apenas uma



função produtiva, mas também um significado histórico e afetivo para seus moradores.

O principal símbolo dessa cultura viva é a produção artesanal de derivados da cana-de-açúcar, sobretudo a rapadura. O feitiço do doce ultrapassa a lógica de mercado: ele carrega a memória do trabalho, do manejo da terra e de técnicas herdadas dos antepassados. Manter os engenhos ativos significa, para os moradores, valorizar a própria história e criar raízes no território.

Essa engrenagem ganha visibilidade pública no Festival da Rapadura (Oliveira, 2006). O evento projeta o quilombo para além de suas fronteiras, reunindo gastronomia, expressões artísticas e rituais que celebram o conhecimento local. A festividade atua em duas frentes: renova o orgulho interno do grupo e dá visibilidade ao patrimônio quilombola perante o público externo.

O elo com o sagrado também estrutura a vida comunitária, tendo como ápice a Festa de Nossa Senhora Aparecida. As celebrações são momentos de reencontro e renovação dos laços sociais. É nesses festejos que as diferentes gerações trocam experiências, garantindo que os valores que fundamentam o quilombo continuem sendo repassados.

A esse cenário somam-se as riquezas naturais da região. As cachoeiras locais não são meros pontos turísticos ou recursos ecológicos; elas fazem parte da geografia afetiva de Furnas do Dionísio, servindo como espaços de lazer e descanso. A paisagem natural e as práticas culturais se misturam, mostrando que a proteção da terra não se separa da proteção da cultura.

Essa união entre os patrimônios material e imaterial desenha a singularidade do lugar. Roças, matas, águas, rezas e doces compõem um mosaico que narra a trajetória de resistência do quilombo. Proteger esse conjunto de referências é crucial para que os valores construídos coletivamente ao longo do tempo permaneçam vivos.

Em resumo, memória, terra e patrimônio são dimensões integradas em Furnas do Dionísio. O cultivo dos saberes tradicionais e o cuidado com os recursos naturais reafirmam o quilombo como um espaço de direito, ancestralidade e resistência. Toda essa bagagem cultural e ambiental serve hoje de alicerce para as propostas de Turismo de Base Comunitária (TBC), que serão detalhadas na seção a seguir.

7. MULHERES E TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA EM FURNAS DO DIONÍSIO

Mais do que um motor econômico, o turismo é hoje pensado como uma via para preservar patrimônios culturais e revitalizar identidades locais. Ao teorizar sobre essa dinâmica,



Beni (2019) define a atividade a partir de sua natureza sistêmica e multidimensional:

Ao se estabelecer o mesmo princípio para o turismo, pode-se imaginar que a energia potencial é traduzida pelo conjunto de recursos naturais ou culturais, que exercem poder de atração, ou seja, que possuem força imanizadora capaz de atrair o turista do núcleo emissor para o núcleo receptor, e que a energia cinética é representada pelo tráfego turístico, com o fluxo de turistas e o acionamento de equipamentos e serviços responsáveis pela expansão das áreas receptoras de turismo. (Beni, 2019, p. 45).

Essa premissa ancora os fundamentos do Turismo de Base Comunitária (TBC), um modelo desenhado especificamente para fortalecer a governança dos moradores sobre as atividades turísticas e a valorização de seus modos de vida. Ao colocar os saberes locais e o protagonismo comunitário no centro do palco, o TBC cria um canal para que o grupo partilhe memórias, ritos e saberes a partir de suas próprias regras, promovendo encontros baseados na alteridade, no diálogo e no respeito mútuo.

Nessa perspectiva, o Turismo de Base Comunitária não deve ser compreendido apenas como uma estratégia de geração de renda, mas como uma prática social fundamentada no pertencimento, na participação coletiva e na valorização das identidades locais. Conforme destaca Irving (2009):

Considerando que o turismo, em qualquer de suas formas de expressão e intervenção, interfere na dinâmica sócio-ambiental de qualquer destino, o turismo de base comunitária só poderá ser desenvolvido se os protagonistas deste destino forem sujeitos e não objetos do processo. Neste caso, o sentido de comunitário transcende a perspectiva clássica das comunidades de baixa renda ou comunidades tradicionais para alcançar o sentido de comum, de coletivo. O turismo de base comunitária, portanto, tende a ser aquele tipo de turismo que favorece a coesão e o laço social, o sentido coletivo de vida em sociedade, e que, por esta via, promove a qualidade de vida, o sentido de inclusão, a valorização da cultura local e o sentimento de pertencimento. (Irving, 2009, p. 111).

Essa compreensão é especialmente pertinente para Furnas do Dionísio, onde o turismo está diretamente relacionado à preservação dos saberes tradicionais, ao fortalecimento dos vínculos comunitários e à valorização da identidade quilombola. Nesse contexto, as mulheres ocupam posição central, pois atuam como guardiãs da memória coletiva e mediadoras das relações estabelecidas entre a comunidade e os visitantes.

A estruturação do Turismo de Base Comunitária (TBC) em Furnas do Dionísio consolidou-se de maneira progressiva, impulsionada pela demanda por vivências ancoradas na identidade quilombola e no cotidiano tradicional. Longe da lógica dos grandes empreendimentos financiados por capital externo, o arranjo receptivo local brotou dos ativos culturais preexistentes no território, convertendo a rotina dos moradores no próprio cerne da atividade.

O cardápio de experiências oferecido ao público abarca desde o acompanhamento dos



ritos religiosos até a imersão na culinária típica, passando por caminhadas em trilhas ecológicas, banhos de cachoeira e a comercialização de produtos locais nas feiras da comunidade. O ponto alto dessa projeção cultural ocorre durante o Festival da Rapadura, evento que reúne a comunidade para celebrar sua identidade.

Esse modelo de visitação propicia uma aproximação orgânica com o fazer cotidiano do quilombo, garantindo que o visitante apreenda os significados históricos costurados a cada atrativo. A capilaridade da atividade apoia-se em uma rede descentralizada de iniciativas familiares e coletivas. O turismo movimenta a venda direta de doces artesanais, a produção de alimentos e o compartilhamento do patrimônio imaterial, o que pulveriza os ganhos econômicos e engaja diferentes núcleos da comunidade na gestão do acolhimento.

Paralelamente, o fluxo turístico disparou um movimento de autorreconhecimento e salvaguarda das práticas tradicionais. A gastronomia de raiz, as celebrações aos santos padroeiros e os saberes transmitidos pela oralidade ganharam uma vitrine pública, fortalecendo a autoestima coletiva. A atividade turística imbrica-se, assim, em uma estratégia política mais ampla de proteção das matrizes culturais que definem o quilombo.

O TBC em Furnas do Dionísio materializa, em suma, a viabilidade de conciliar sustentabilidade econômica, governança social e preservação patrimonial. O verdadeiro impacto da proposta transcende as métricas financeiras; reside na construção de um espaço pedagógico de alteridade, balizado pelo respeito absoluto à singularidade e ao tempo histórico do território quilombola.

Dentro dessa engrenagem, as mulheres assumem a linha de frente na construção das experiências oferecidas. A presença feminina pulsa na articulação dos eventos, na culinária tradicional e, de modo muito particular, nas práticas de hospitalidade. No quilombo, o acolhimento ultrapassa a mera recepção protocolar e se constitui como uma experiência baseada na troca de saberes e vivências entre moradores e visitantes. Para Irving (2009), o Turismo de Base Comunitária tem como fundamento o encontro entre sujeitos, no qual a interação ocorre de forma ética e participativa:

Assim, a condição para o turismo de base comunitária é o ‘encontro’ entre identidades, no sentido de compartilhamento e aprendizagem mútua. Neste caso, seu planejamento deve considerar o compromisso ético, de respeito e engajamento de ‘quem está’ e de ‘quem vem’ e o intercâmbio real entre os sujeitos que recebem e os que são recebidos.” (Irving, 2009, p. 116).

Em Furnas do Dionísio, essa perspectiva pode ser observada na forma como as mulheres conduzem as atividades de acolhimento, compartilham histórias familiares, apresentam os saberes tradicionais e estabelecem relações de proximidade com os visitantes. Dessa maneira,



o turismo deixa de ser apenas uma visita ao território e passa a constituir uma experiência de diálogo intercultural e reconhecimento mútuo.

A gastronomia local ilustra com nitidez esse protagonismo. O ato de preparar e transmitir receitas conectadas à memória do território vai além do ato de servir uma refeição: trata-se de um rito de partilha cultural. Cada prato colocado à mesa carrega narrativas, afetos e saberes que estreitam os nós entre cultura, ancestralidade e pertencimento, permitindo ao visitante experimentar a identidade quilombola de forma sensorial e profunda.

As festividades e as celebrações religiosas são outros terrenos marcados pela liderança dessas mulheres. Responsáveis pela costura dos eventos, pela manutenção dos ritos e pela mobilização da comunidade, elas garantem a continuidade de expressões que ajudam a contar a história de Furnas do Dionísio. São momentos que revigoram os laços internos do grupo e qualificam a troca mútua no encontro com o turista, revelando aspectos da cultura quilombola que dificilmente seriam captados por meio de abordagens convencionais e comerciais de viagem.

A experiência de Furnas do Dionísio demonstra que o Turismo de Base Comunitária se constrói a partir das relações estabelecidas entre pessoas, território e memória. Nesse processo, as mulheres assumem um papel estratégico ao transformar conhecimentos cotidianos em elementos capazes de comunicar a história da comunidade para além de seus limites geográficos. Suas práticas não apenas preservam tradições, mas atribuem novos significados a elas diante das transformações contemporâneas.

Dessa forma, compreender o turismo desenvolvido no quilombo exige reconhecer que as experiências oferecidas aos visitantes são resultado de trajetórias históricas, vínculos comunitários e saberes acumulados ao longo das gerações. É justamente nessa articulação entre ancestralidade, pertencimento e ação coletiva que se encontra a singularidade de Furnas do Dionísio, preparando o caminho para as reflexões finais deste estudo.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso analítico construído ao longo deste estudo demonstra que o Turismo de Base Comunitária (TBC) em Furnas do Dionísio transcende as métricas econômicas e gerenciais tradicionais, configurando-se como um autêntico manifesto de soberania política, territorial e identitária gerido pelas mulheres da comunidade. A investigação rompe com a visão convencional que posiciona as populações tradicionais como meras receptoras passivas de



fluxos globais. Em vez disso, evidencia-se que as moradoras operam como intelectuais orgânicas de seu próprio chão, mobilizando o repertório ancestral para estabelecer as diretrizes, os limites e os sentidos de toda e qualquer interação com o público externo.

Essa centralidade ganha densidade teórica quando tensionada pelas lentes combinadas do feminismo negro e dos Estudos Culturais. A rotina do quilombo, expressa na complexidade da gastronomia de raiz, no zelo pelas caminhadas em trilhas ecológicas, na preservação afetiva das cachoeiras e na articulação comercial das feiras locais, revela que a salvaguarda patrimonial não decorre de uma inércia histórica, mas sim de um projeto deliberado e cotidiano de resistência liderado por mulheres negras. Quando elas assumem a linha de frente de eventos de grande projeção coletiva, como o Festival da Rapadura e as celebrações a Nossa Senhora Aparecida, operam uma fissura nas tentativas históricas de apagamento e silenciamento descritas por Gonzalez e Spivak. O direito de fala converte-se, na prática, no direito de narrar o próprio território e sua história, impedindo que olhares exógenos convertam a cultura local em uma mercadoria exótica ou espetacularizada.

Sob a perspectiva sistêmica do turismo, o arranjo comunitário de Furnas do Dionísio tensiona os modelos eurocêntricos e corporativos que historicamente colonizaram a atividade. A simbiose entre os ativos ambientais e o patrimônio imaterial gerido pelas mulheres materializa o conceito de "comum" defendido por Irving, convertendo o fluxo turístico em uma arena de pedagogia intercultural e alteridade. O controle comunitário sobre o cardápio de experiências assegura que o tráfego de visitantes atue como energia catalisadora da autoestima coletiva e da coesão social, diluindo os ganhos econômicos por meio de redes descentralizadas de iniciativas familiares. A hospitalidade deixa de ser um insumo de serviço mercantil e ascende ao status de pacto ético e político, balizado pelo respeito irrestrito ao tempo e à memória quilombola.

Adicionalmente, os resultados deste estudo indicam que a manutenção do Turismo de Base Comunitária em Furnas do Dionísio não deve ser compreendida como uma responsabilidade isolada das moradoras, demandando uma articulação mais expressiva entre os atores comunitários e as esferas do poder público. A sustentabilidade das ações turísticas locais e a proteção contra a descaracterização cultural exigem a formulação de políticas públicas integradas que garantam a regularização territorial definitiva, o fomento econômico às feiras artesanais e o suporte técnico à infraestrutura de acesso ao quilombo. Sem esse amparo estrutural, o esforço feminino de salvaguarda patrimonial corre o risco de sobrecarregar as lideranças locais, limitando o potencial de emancipação socioeconômica que a atividade pode gerar. Portanto, o fortalecimento do TBC na localidade passa, obrigatoriamente, pelo



reconhecimento institucional de que a cultura quilombola é um patrimônio vivo e de interesse público.

A construção desta pesquisa bibliográfica consolida, por conseguinte, a urgência epistemológica de revisar as teorias tradicionais do turismo a partir das margens e das vozes subalternizadas. Ao situar a mulher quilombola na raiz da governança territorial, este trabalho descentraliza as discussões clássicas sobre planejamento turístico e demarca que o futuro da sustentabilidade e da conservação cultural do país repousa, fundamentalmente, na autonomia jurídica, econômica e política dessas lideranças. Como reflexão derradeira, o presente estudo não pretende esgotar a complexidade do tema, mas sim abrir caminhos para que futuras investigações de campo e análises empíricas continuem a mapear as cartografias afetivas, os impactos geracionais e as estratégias cotidianas de sobrevivência que mantêm vivos os quilombos brasileiros, cancelando as mulheres tradicionais como as legítimas e definitivas arquitetas de suas próprias histórias e territórios.

DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Em conformidade com a Portaria CNPq nº 2.664, de 6 de março de 2026, informa-se que foi utilizada a ferramenta de Inteligência Artificial Generativa ChatGPT (OpenAI, versão GPT-5.5) como apoio durante a elaboração deste manuscrito.

A ferramenta foi empregada nas etapas de revisão textual, correção gramatical, e sugestões de organização do conteúdo. O uso teve como finalidade auxiliar na clareza textual, coesão dos parágrafos e adequação às normas de escrita científica.

REFERÊNCIAS

- BALDO, Ana Claudia Sacchi. **Identidade étnica e territorialidade: análise espaço-temporal do território quilombola Furnas do Dionísio – Jaraguari/MS**. 2021. 286 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.
- BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 14. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2019.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.



IRVING, Marta de Azevedo. Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária: inovar é preciso? In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, M. (Org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 108-119.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

OLIVEIRA, Aline Maria de. **Comunidade quilombola de Furnas do Dionísio: manifestações culturais, turismo e desenvolvimento local**. *Caderno Virtual de Turismo*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 4, p. 1-13, 2006.

PEROGIL, Daiana. **Uma análise do Programa Brasil Quilombola na comunidade Furnas do Dionísio – Jaraguari/MS: política de território e identidade**. 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2012.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.